

EXPERIÊNCIAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Pablo William Ferreira Sena ¹
*Discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e
Política da Universidade Federal do Amapá.*
E-mail: pabloap1787@gmail.com

Elissandra Barros ²
*Docente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e
Política da Universidade Federal do Amapá.*
E-mail: elisbarros@unifap.br

Introdução

Este estudo explora a prática do Teatro do Oprimido na Amazônia visando compreender os processos culturais, sociais e étnicos presentes em comunidades oprimidas. A relevância deste tema está na necessidade de examinar como os conceitos desenvolvidos por Augusto Boal são aplicados ou podem ser adaptados em contextos amazônicos. Embora existam coletivos teatrais atuantes em áreas periféricas em distintos espaços da Amazônia, não há informações que nos permitam identificar as técnicas e metodologias utilizadas por esses grupos. Este estudo visa investigar como o teatro é praticado em comunidades em situação de opressão e a implementação do Teatro do Oprimido na Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão). A metodologia adotada inclui a pesquisa bibliográfica na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como etapas fundamentais para a identificação do estado da arte da produção teatral do Teatro do Oprimido na Amazônia Legal. A pesquisa nessas plataformas permitirá a identificação e acesso aos trabalhos acadêmicos - dissertações e teses - que abordam o Teatro do Oprimido em contextos amazônicos, o que permitirá que o estudo posicione-se em relação ao conhecimento existente e contribua para avançar o entendimento sobre o Teatro do Oprimido na região amazônica.

Fundamentação teórica

O Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral criado pelo brasileiro Augusto Boal no início da década de 1970, durante a ditadura civil-militar. Silva (2014) destaca que seu surgimento ocorreu em um momento histórico onde a população que se posicionava contra o regime militar tinha sua liberdade de expressão política cerceada. Artistas e imprensa se encontravam sob domínio da censura imposta pelo governo, foi nesse cenário que Boal começou a utilizar o Teatro como meio de denunciar opressões sofridas pela classe trabalhadora no país.

Ao analisar a prática teatral que surge e é desenvolvida em comunidades no Brasil, Telles afirma que “o uso do teatro no desenvolvimento social vem ampliando seus espaços de atuação a partir da realização de projetos onde artistas, universidades, governo e ONGs tornam-se parceiros em ações por todo o país” (2003, p. 66). Ainda segundo o autor, nota-se sua presença latente em espaços hospitalares, penitenciárias e teatros comunitários localizados em periferias. O autor destaca que ações teatrais com essa finalidade possibilitam às populações mais vulneráveis conhecimentos estéticos, sócio-políticos, democratizam o fazer cultural e viabilizam bens simbólicos inúmeras

vezes restritos estruturalmente a classes dominantes.

Silva destaca que “os jogos e os exercícios criados e elaborados por Boal buscam a desmecanização do corpo e da mente, engessado pelos ritos e rituais da sociedade moderna” (2014, p.35), o conjunto dessas práticas colaboram para a redescoberta de si em relação aos espaços sociais a que os praticantes estão submetidos. Sobre os exercícios e jogos, o autor afirma que:

Em todos eles, há a intenção de estimular os sentidos da memória e as inter-relações. Enquanto os exercícios ajudam a perceber o corpo, principal instrumento do ator e da atriz, os jogos são essenciais para o processo da aprendizagem, pois é alimento dialógico para a liberdade criadora (SILVA, 2014, p.35).

Assim, é possível compreender porque o Teatro do Oprimido se propaga como uma ferramenta capaz de estreitar a relação dos indivíduos com o mundo, conduzindo-os por meio dessas metodologias a refletirem as condições estruturalmente presente na sociedade e a pensar maneiras de subverter essas estruturas.

Boal faz uma crítica ao teatro tradicional, que mantém a estrutura divisória entre atores (aqueles que agem) e os espectadores (aqueles que assistem), assim, faz-se necessário um teatro que venha romper com essa estrutura, de forma a possibilitar que o espectador participe ativamente da realização cênica e possa, nela, defender sua visão de mundo (TELLES, 2003, p.67).

A metodologia do Teatro do Oprimido é composta por um conjunto de técnicas que são utilizadas por coletivos comunitários para analisarem suas condições em relação à sociedade e pautarem suas problemáticas cotidianas. Essas técnicas são denominadas: Teatro Jornal, Teatro Legislativo, Teatro Imagem, Teatro Fórum, Teatro Invisível e Arco-Íris do Desejo. Segundo Silva, “o ciclo de reflexões criadas por Augusto Boal encerra-se com o estudo da Estética do Oprimido em contraposição uma estética que incentiva o consumo” (2014, p.34) e acrescenta que “É urgente criar alternativas libertadoras das opressões estéticas impostas por um sistema que privilegia um modelo dominante vindo das classes médias altas da Europa e dos Estados Unidos” (2014, p. 34), ou seja, para além de um conjunto metodológico, o TO se estabelece como uma filosofia de vida capaz de nortear novas formas de experienciar a sociedade contemporânea.

O Teatro do Oprimido na Amazônia

A análise dos registros obtidos em nossa pesquisa revela uma distribuição significativa das pesquisas sobre o Teatro do Oprimido em diferentes bases de dados. Em nossa pesquisa utilizamos o descritor "Teatro do Oprimido", com o qual encontramos 144 registros, sendo 110 dissertações e 34 teses na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Já no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foram identificados 201 registros, com 122 dissertações e 37 teses.

Contudo, quando reunimos somente os trabalhos realizados em Programas de Pós-Graduação da Amazônia Legal, identificamos que apenas 13 pesquisas foram desenvolvidas nesta região, com a seguinte distribuição: 6 no Mato Grosso, 3 no Maranhão, 2 no Pará, 1 em Roraima e 1 no Amazonas, no período de 2012 a 2023. Em 2023, houve um aumento significativo no número de publicações sobre a temática no Brasil, atingindo um total de 26 trabalhos, o maior número desde 1989, ano da

publicação da primeira dissertação sobre o Teatro do Oprimido. Esses dados destacam uma lacuna na produção científica sobre o Teatro do Oprimido nos estados do Amapá, Acre, Rondônia e Tocantins, indicando a necessidade de mais estudos na região. Ao mesmo tempo, a tendência de aumento nas publicações em 2023 sugere um crescente interesse e reconhecimento da relevância desse campo de estudo.

Estamos no segundo momento da pesquisa, realizando a leitura dos títulos e das palavras-chave dos trabalhos identificados, com o objetivo de selecionar as teses e dissertações mais relevantes para uma análise aprofundada. Após essa etapa, faremos a leitura detalhada dos trabalhos que discutem a prática do Teatro do Oprimido, com especial atenção àqueles desenvolvidos na região amazônica. Esta etapa permitirá identificar as particularidades e os desafios enfrentados pelos grupos teatrais na Amazônia, bem como avaliar a aplicação e a adaptação dos métodos de Augusto Boal nesse contexto específico.

Embora inicial, nossa pesquisa já nos permite delinear a presença do TO na Amazônia brasileira. Em Roraima, Lima (2023) realizou um estudo sobre o Teatro do Oprimido como meio de libertação de corpos marginalizados, em que busca compreender o processo de marginalização dos corpos roraimenses, refletindo sobre os conceitos de liberdade, corpo e os fundamentos metodológicos da pedagogia do Teatro do Oprimido. Lima (2023,p.10) enfatiza a importância de "entender o que aconteceu com os nossos antepassados, como a dominação colonial (des)moralizou os povos do Brasil por meio da supremacia branca europeia e como certos resquícios e concepções advindas desse período permanecem até hoje" .

No Pará, Castro (2020) desenvolveu uma pesquisa cênica experimental com adolescentes em privação de liberdade, pertencentes ao sistema socioeducativo da cidade de Benevides. A pesquisa de Castro visou entender como jogos teatrais e o Teatro do Oprimido podem propiciar a compreensão de si e sobre si entre esses jovens, facilitando processos de autoavaliação e autoconhecimento.

Em território maranhense, Soares (2019) utilizou o Teatro do Oprimido como instrumento metodológico para fomentar reflexões críticas entre estudantes de escola pública sobre o uso de nanotecnologia. A pesquisa de Soares teve o objetivo de democratizar conhecimentos científicos, frequentemente restritos a uma pequena parcela privilegiada da população, facilitando o acesso e a compreensão desses conteúdos por meio de práticas teatrais.

Estudos como os de Lima (2023), Castro (2020) e Soares (2019) evidenciam a aplicabilidade e a eficácia das metodologias de Augusto Boal em contextos amazônicos, mostrando como o teatro pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social. Contudo, nossa pesquisa constatou a carência de pesquisas acadêmicas sobre o Teatro do Oprimido no Amapá, Acre, Rondônia e Tocantins. Este vazio evidencia a necessidade urgente de mais investigações sobre as práticas teatrais na região. Apesar da ausência de trabalhos acadêmicos, ao fazermos uma breve investigação no Google encontramos a presença do Teatro do Oprimido nesses territórios, no Amapá identificamos a existência de uma Cia de Teatro Indígena, denominada Teatro Maiuhi, formada por 30 jovens atores dos povos Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene e Waiãpi. O Teatro Maiuhi criou cinco peças a partir da técnica do Teatro-Fórum, de Boal; na Universidade Federal do Acre há o Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido (GESTO) da Floresta; na Universidade Federal de Rondônia o Departamento de Teatro promoveu um minicurso sobre Teatro do Oprimido no Campus de Porto Velho; enquanto no Tocantins Agentes Comunitários de Saúde de Palmas apresentaram uma peça de Teatro do Oprimido na I Mostra de Vivências nos Territórios de Saúde do Tocantins. Assim, podemos concluir que o Teatro do Oprimido encontra-se presente em

todos os estados da Amazônia Legal.

Conclusões

Com esta pesquisa espera-se contribuir para o preenchimento das lacunas científicas identificadas em relação ao Teatro do Oprimido na Amazônia brasileira. As próximas etapas deste trabalho incluem a análise das teses e dissertações que tratam do Teatro do Oprimido e estão disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Antes, porém, faremos uma nova busca, ampliando os descritores, que passarão a ser "Teatro do Oprimido", "Augusto Boal" e "Poética do Oprimido". Também está prevista a coleta de informações junto às secretarias de cultura dos estados que compõem a Amazônia Legal, além da realização de entrevistas com atores, produtores e pesquisadores do Teatro do Oprimido que atuam na Amazônia Legal, com ênfase no estado do Amapá. Essas etapas visam aprofundar o entendimento sobre a presença e impacto do Teatro do Oprimido na região, fornecendo dados para futuras pesquisas e intervenções no campo teatral amazônico.

Referências bibliográficas

CASTRO, Marcelo. **O Voo dos Meninos-Pássaros: Experiência Cênica com Adolescentes do Sistema Socioeducativo. Dissertação de Mestrado Profissional.** Programa de Pós-Graduação em Artes PROFARTES. Universidade Federal do Pará, 2020.

LIMA, Elivelton Magalhães. **Liberdade para Corpos Marginalizados: O Teatro do Oprimido como Proposição Emancipatória dos Indivíduos.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Roraima, 2023.

SILVA, Flávio José Rocha da. Uma história do teatro do oprimido. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 19, p. 23-38, 2014.

SOARES, Aline Oliveira. **A Física em escala nanométrica e o teatro como instrumento pedagógico. Dissertação de Mestrado.** Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal do Maranhão, 2019.

TELLES, Narciso. Teatro comunitário: ensino de teatro e cidadania. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 5, p. 066-071, 2003.